

A HERANÇA

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

Peça em um ato

Representada a primeira vez no Teatro da Exposição Nacional em 4 de setembro de 1908.

Personagens

Doutor Seabra, médico, 45 anos..... Nazareth
Joaquim, 60 anos, irmão de..... Mario Aroso
D. Clementina , 55 anos..... Luiza de Oliveira
Elisa, 25 anos..... Lucilia Peres
Rita, filha de D. Clementina..... Natalina Serra
Bemvinda..... Estefania Louro

Sala ampla de trabalho; uma porta ao fundo e uma larga janela gradeada, também ao fundo, emoldurada de trepadeiras em flor; sobre o jardim, uma porta à esquerda e duas portas à direita; mobília elegante e simples; uma mesa de trabalho com jornais, figurinos, cesta de costura, etc. À esquerda uma estante baixa com livros; um retrato de homem suspenso na parede; à direita, entre as duas portas, um espelho sobre um guéridon. Elisa, toda de luto, com uma corrente, de que pendem chaves, na cintura, cose perto da mesa, tossindo de vez em quando. Conserva-se só em cena, por algum tempo, até que entra Rita.

Cena 1º

RITA E ELISA

RITA: Minha blusa ainda não está pronta?

ELISA (*sem interromper o trabalho*): Falta pouco.

RITA: Que demora! Já estou ficando cansada de esperar! Sabes que horas são? Quase quatro! (*inclinando-se para a costura*). Pontos de légua e meia, sim senhora! Não podes falar mal das francesas; assim tivesses o *chic* que elas têm... (*pausa*). Estou com uma vontade doida de mandar vir um vestido de Paris!... as *toilettes* que vêm de Paris, fazem as mulheres tão finas, tão elegantes! Basta ver ali a D. Candinha, com aquele corpo de ama de leite, como parece bem quando se enfronta nos seus *tailleurs* do *boulevard*... não achas? (*Elisa não responde; faz um gesto com a cabeça, como a dizer: - não sei*). Mas anda depressa, Elisa! Estás farta de saber que hoje temos visitas para o jantar; de mais a mais os Mendes! E que eu não quero aparecer à última hora... a Bemvindinha já está quase pronta, e eu ainda tenho de estudar o monólogo... (*cantarola, vai colher uma flor na trepadeira da janela, gira pela sala e aproxima-se de novo de Elisa*). Esqueceste-te de mandar pôr as plantas da estufa na sala de jantar. Mamãe já reparou...

ELISA: Ou hei de coser, ou... (*faz menção de se levantar*).

RITA (*opondo-se*): Não! Agora não interrompas a costura, senão nunca saímos daqui. Depois terás tempo de alegrar a casa. No dia em que se tira o luto deve-se encher os jarros de flores vistosas. (*Com um suspiro*) Ah, como eu estava cansada de andar de preto!... (*impaciente*) pronto, pronto, dá cá a blusa!

ELISA: É preciso ainda pregar os botões...

RITA: Ora, que maçada! (*vai se ver no espelho, depois, voltando-se*) Qual dos dois Mendes achas mais bonito? O Luiz ou o Maurício?

ELISA: Não sei...

RITA: O Luiz... Eu nunca imaginei que uns olhos de homem pudessem dizer umas coisas tão doces... nem que o seu sorriso tivesse o poder de alvoroçar tão profundamente a alma das mulheres... (*mudando de tom e examinando Elisa*). Não pões hoje, ao menos, uma golinha branca? Afinal de contas, já é tempo! Maninho morreu há dois anos e hoje faz seis meses que morreu Vovó. Deves sacudir de uma vez esses trapos pretos. De mais a mais, maninho dizia sempre que o luto era uma estupidez e uma hipocrisia. Não é na cor da roupa que está o sentimento. Eu também acho. (*Pausa*) Acaba com essa blusa!

D. CLEMENTINA (*de dentro*): Elisa!

RITA: Mamãe está te chamando. Já sei porque é. Esqueceste-te de fazer o pudim de laranja! *(grita para dentro)* Elisa está acabando de fazer minha blusa, mamãe! *(para Elisa)* Anda depressa. Que amolação!

ELISA: Já tenho os dedos picados...

RITA: Todas as costureiras têm os dedos picados...

ELISA: Mas eu não sou costureira. Coso só para fazer as vontades...

RITA: Não fales, que é para não perder tempo. Digam o que disserem, quando a gente conversa atrapalha o serviço. Eu já tenho experimentado conversar enquanto estou ao piano, e nunca pude tocar três compassos em seguida sem confundir o que estou dizendo com o que estou fazendo. É uma atrapalhação. Entretanto, há certas pessoas que estão tocando *(imita o exercício do teclado)* e estão com a cara virada para o lado, a dizer coisas...

ELISA: E...

RITA *(examinando a cabeça de Elisa)*: Talvez não saibas uma coisa... e é que estás ficando com os cabelos brancos... Ninguém dirá que só tens vinte e cinco anos! Olha, tio Joaquim tem sessenta e ninguém lhe vê nem um fio de cabelo branco... é verdade que se ninguém lhe vê nem um fio de cabelos brancos é porque ele os pinta...*(continua a examinar Elisa)* Mas agora dize-me: que mania é essa de usares sempre o retrato de maninho no peito? Todo mundo sabe que ele foi teu marido. Não acho isso nada elegante... é indiscreto.

D. CLEMENTINA *(de dentro)*: Elisa!

ELISA *(levantando-se com modo impaciente e entregando a blusa a Rita)*: Aí está, se não ficar ao teu gosto, desculpa. *(Sai)*.

Cena 2º

RITA E DEPOIS BEMVINDA E D. CLEMENTINA

RITA *(resmungando)*: Que malcriada... *(examina a costura)*.

BEMVINDA *(entra, mostrando-se admirada)*: Ainda estás assim?!

RITA: Elisa morria com a costura nas mãos... foi preciso vir sacudi-la.

BEMV: Ela é muito mole. Deus me livre!

RITA: Um horror! Ih! Mas como estás bonita e cheirosa. És a flor das minhas primas!

BEMV: Para isso é preciso pouco, visto que não tens outra. Queres que eu te penteie?

RITA: não te incomodes, a Elisa faz isso. Também é preciso que ela faça alguma coisa! *(grita com força para a porta por onde sairá Elisa)* Elisa!

BEMV: Se eles chegarem antes de estares pronta?

RITA: Não virão antes das seis horas, descansa.

BEMV: Mas como não levas nunca menos de duas a vestir-te!...

RITA: Isso é falso.

BEMV: Pois sim! Verás que o Luiz se resolve hoje a pedir a tua mão...

RITA: E o Maurício a tua...

BEMV: Qual! Não tenho os teus encantos...

RITA: Pois ele deita-te cada olho, aceso e grande que nem o dos automóveis! Hoje estala-lhe a

declaração. Verás. É um momento delicioso, mas de um embaraço!... ensaia a tua resposta, para não fazeres a figura que eu fiz...

BEMV: Que figura?

RITA: A de uma pessoa que tivesse engolido um pêssigo com caroço e ficasse engasgada... agora, quando me lembro, tenho vontade de rir... imagina!

BEMV (*interrompendo-a*): Cala-te, que aí vem titia. Que pena, logo agora! Também titia sempre nos interrompe nas melhores ocasiões! (*entra D. Clementina*)

D. CLEMENTINA: Está um calor de tempestade! Vamos ter muita chuva. É só o que lhes digo.

RITA: Pois se mamãe não tinha mais nada para nos dizer, era melhor que se conservasse calada.

D. CLEM (*repreensiva*): Menina! Estão vendo que modos?! (*pausa, mudando de tom*). Mano Joaquim já veio!

BEMV: Não sei, titia.

D. CLEM: Também vocês nunca sabem nada...

RITA: Oh, mamãe, pois eu estava aqui ajudando Elisa a coser!

D. CLEM: A Elisa... a Elisa... parece que ela anda com a cabeça a juro. Esquece-se de tudo... ficou ao menos boa, a tua blusa?

RITA: Assim, assim... (*grita para dentro*) Elisa! Vem me pentear! (*depois para Bemvinda*). Vamos, Bemvinda, é tarde e eu ainda quero que me tomes o monólogo... (*saem as duas pela direita*); D. Clementina senta-se, desdobra um jornal, põe os óculos e lê. Elisa passa ao fundo atravessando, calada, de uma porta da esquerda para a da direita, por onde saíram as moças. D. Clementina continua a ler, entra depois Joaquim pela porta do fundo).

Cena 3º

D. CLEMENTINA E JOAQUIM

JOAQUIM (*depois de colocar o chapéu a um canto, vem sentar-se perto de D. Clementina*): Cá estou de volta...

D. CLEM: Ora graças! Então, que te disse o doutor? (*tira os óculos e dispõe-se a ouvir o irmão*).

JOAQ: Disse que... (*interrompe-se para raspar com a unha uma nodoazinha do fraque*) homem, não me disse nada!

D. CLEM: Ora essa é muito boa! Se comesas com as tuas distrações, estamos bem aviados! Pois vais de propósito da minha casa a casa do médico, só para fazer uma consulta, e das-me essa resposta? Não. Isso também é demais!

JOAQ (*pachorrento*): Que diabo, parece-me que não foi uma resposta ofensiva!

D. CLEM: Não foi ofensiva porque nem chegou a ser uma resposta. Ora se valia a pena teres saído para isso! Sabes perfeitamente que estou sobre brasas...

JOAQ: Não sabia...

D. CLEM: Não sabes outra coisa!

JOAQ: Eu?!

D. CLEM: Certamente, porque deves compreender que a minha responsabilidade de mãe de família exemplar...

JOAQ: Isso...

D. CLEM (*vivamente*): Não me interrompas!

JOAQ: Era só para lembrar-te que o elogio em boca própria...

D. CLEM: Ora, Joaquim! Não me faças perder a paciência com essas tolices... (*pausa*) que era mesmo que eu estava dizendo?

JOAQ: Não me lembro...

D. CLEM: É sinal de que estavas prestando muita atenção! Ah, já sei! Falava da minha responsabilidade de mãe de família.

JOAQ: É um assunto estafado!

D. CLEM: É o mais nobre da terra... e que me obriga a zelar pela saúde de minha filha e de minha sobrinha...

JOAQ: Sim, na do irmão não falas...

D. CLEM: Era só o que faltava, que eu tomasse conta de uma pessoa mais velha do que eu!

JOAQ: Mas que o não parece!

D. CLEM: No juízo, realmente, pareces muito mais moço! E a prova é que te peço para ires de propósito indagar do médico se a convivência da Elisa pode ser prejudicial às outras e tu não me trazes solução.

JOAQ: Mas trouxe-te o médico!

D. CLEM: Porque não me disseste isso logo de uma vez! E onde ele está?

JOAQ: Ficou lá no vestíbulo conversando com o Chico, que o esperava na passagem para fazer uma consultinha de graça! Lá o deixei de língua de fora. É pavorosa, a língua do Chico. Já a viste?

D. CLEM: Ora, é como as dos outros!

JOAQ: Estás muito enganada. Nem imaginas! O que teu cunhado tem na boca... não é língua...

D. CLEM: Temos outra. Então que é? Já agora quero saber.

JOAQ: Uma coisa assim como uma folha de cajueiro muito larga, com malhas cor de ferrugem, dor de cobre, dor de zinabre, sobre um fundo ouro-velho veiado de verde... e de branco... não reparaste na minha palidez quando entrei? Era de espanto!

D. CLEM: Não percas tempo com essas baboseiras e dize-me para que veio o doutor.

JOAQ: Ora essa! Para examinar a Elisinha!

D. CLEM: Não bastaria mandar-me de lá a sua opinião?

JOAQ (*mudando de tom*): Não. Com doença tão séria não se brinca.

D. CLEM: Doença tão séria! Tão séria... quem sabe o que ela tem! Pela minha parte, estou até convencida de que naquelas tossinhas e fraquezas entra um pouco de manha.

JOAQ: Estás sendo injusta. Que razões tens para dizer isso?

D. CLEM: As que só os cegos não querem ver...

JOAQ: Parece tão boa moça, coitada!

D. CLEM: Também era só o que lhe faltava, ser má! Nem tem ocasião para isso! Mas também sempre gostaria que me dissessem quais são suas virtudes notáveis!

JOAQ: Foi uma excelente enfermeira do marido, e olha que aturar as impertinências de um tuberculoso, dia e noite, é alguma coisa.

D. CLEM: Entendo que ela não fez mais do que o seu dever. Não se casasse. Eu aturei mais o meu marido.

JOAQ: Oh, mas esse viveu muitos anos!

D. CLEM: Por isso mesmo! E nem por isso fui fazer de mártir para a casa de minha sogra!

JOAQ: Mesmo porque não tinhas sogra.

D. CLEM: Nem sogro. Nisso fui feliz.

JOAQ: Ainda bem que o reconheces, e nesse caso estás apta para lamentá-la, mas ainda há uma outra circunstância que de algum modo altera a situação.

D. CLEM: Qual?

JOAQ: Teu marido deixou-te dinheiro.

D. CLEM: Grande fortuna, a que ele me deixou!

JOAQ: Casa... pão... vestuário e criados assegurados... já não me parece tão pouco. E ela?

D. CLEM: Então todos os maridos têm obrigação de deixar dinheiro às suas viúvas?

JOAQ: Parece-me que sim, e é por isso que eu não me caso... (pausa) mas, afinal, teu filho tinha algum dinheiro...

D. CLEM: Coitado! Dos cinquenta contos que lhe couberam na partilha do pai, já nem lhe restava metade quando morreu...

JOAQ: Em todo caso...

D. CLEM: Estás farto de saber que o que era dele reverteu a mim, visto que eles se tinham casado com separação de bens!

JOAQ: A conselho teu...

D. CLEM: Não digo que não. Mas nada impedia meu filho de fazer depois um testamento em favor de sua mulher. Se o não fez foi porque o não quis. Lavo daí as minhas mãos...

JOAQ: Ele era muito moço para pensar na morte...

D. CLEM: E eu tinha-lhe muito amor para lembrar-lhe (*suspira, olha para o retrato do filho, Joaquim acompanha o movimento; pausa*). Quando aconselhei meu filho a casar-se com separação de bens, fi-lo, não só para defender a sua pequena fortuna, que eu não podia prever que me voltasse às mãos, como também, confesso, para experimentar o caráter da noiva. Eu não a conhecia, e fizeram-me constar que ela julgava o noivo mais abastado do que ele realmente era... Há tanta gente ambiciosa neste mundo!

JOAQ: Pobre Elisa!

D. CLEM: Pobre Elisa! Ora, também não vejo razão para essas lamentações, que nem sei o que parecem! Há outras mais infelizes, e não foi ela a única neste mundo que se casou com separação de bens! Afinal, minha nora tem ou não tem casa, e bem espaçosa, para morar? Tem.

JOAQ: Mas não é dela...

D. CLEM: Tem ou não tem o seu jantarinho à hora certa e bem bom? Tem. Tem ou não tem vestuário à vontade? Te. Tem ou não tem médico, botica e autoridade sobre os criados? Tem. Logo, não lhe vejo razão de queixa, e é por isso que me parece que aqueles modos tristes e aqueles pigarros não são tão indícios de moléstia, como malignidades de mulher que...

JOAQ (*interrompendo-a*): Há cinquenta e cinco anos que o és; deves ter pelo menos experiência que te autorize a afirmar essas barbaridades...

D. CLEM: Alto lá, que eu nunca tive necessidade de dissimular coisa nenhuma, como essa moça que o meu pobre filho me trouxe para casa, por sugestão, feitiçaria ou não sei o que.

JOAQ: O feitiço do amor!

D. CLEM: Qual amor! Ele era um rapaz inexperiente, seduziram-no. A tia, que lhe servia de mãe, queria desfazer-se dela, para ir sozinha com seu *mister* para os Estados Unidos... (*parando para meditar um pouco*). Quem sabe? Talvez fizesse bem à Elisa uma viagem aos Estados Unidos...

JOAQ: Se queres que eu a leve, da-nos dinheiro para as passagens e o resto, e é já. Com o dinheiro dos outros sou capaz de ir até ao fim do mundo.

D. CLEM: Se eu fosse rica... mas bem saber que o não sou, e é por isso que certas observações tuas até me ofendem. Olha, quer creias, quer não, a verdade é que ainda devo a meu cunhado perto de vinte contos. A herança do meu pobre filho, consumi-a em reformar a casa velha da Penha e em resgatar a hipoteca desta. Se vivemos com fartura, não vivemos com luxo e hei de me ver embaraçada para dar um dote à Ritinha...

JOAQ: Isso é que é um feitiço!

D. CLEM: A Ritinha?

JOAQ: Não, o dote.

D. CLEM: Ela não precisa disso para agradar.

Cena 4º

OS MESMOS, O DOUTOR E DEPOIS BEMVINDA

DOUTOR: Senhora D. Clementina, aqui me tens às suas ordens. O senhor seu irmão já me informou de tudo e espero tranquilizá-la.

D. CLEM: Obrigada, doutor. O que lhe peço é que seja absolutamente franco. Minha nora não sabe que mandei chamá-lo para vê-la. Como é um pouco esquisita de gênio, poderia esquivar-se a um exame mais demorado. O senhor a convencerá do que for preciso.

DR.: Eu sempre temi pela saúde daquela senhora, quando a via tão agarradinha ao marido, tão sem precauções para a defesa da sua vida... mais de uma vez a adverti do perigo a que se expunha. Foi uma enfermeira rara, uma verdadeira heroína...

D. CLEM: Creio que ela não fez mais do que cumprir o seu dever de boa esposa – e ninguém lhe nega essa qualidade.

DR.: Perfeitamente... Em todo caso, afirmo-lhe que ela poderia ter cumprido esses deveres com um pouco mais de previdência e de egoísmo. Em tais casos, a ciência exige hoje das enfermeiras todas as precauções...

D. CLEM: Por falar em precauções, doutor, o que me impressiona é a ideia de que a convivência da Elisa, caso ela esteja atingida por essa moléstia, seja prejudicial à Ritinha e à Bemvinda. São todas moças e vivem tão unidas...

DR.: Esperemos que não haja motivo para sustos...

JOAQ: E se houver?

DR.: A prudência aconselharia uma separação... grandes cuidados... (*para D. Clementina*) Ela não tem família?

D. CLEM: Não... ninguém... outra pergunta, doutor: é de opinião que se ela estiver mesmo afetada dessa moléstia, deverá servir-se de louça à parte...

JOAQ (*interrompendo*): Essa moléstia! Essa moléstia! Dize logo: tuberculose! Não sei porque não se hão de tratar as coisas pelos seus nomes!

DR. (*respondendo à D. Clementina*): Todo cuidado nesse caso é pouco, como eu já disse. Mas, esperemos que o mal não seja tamanho... (*Bemvinda entra*).

D. CLEM (*vendo entrar Bemvinda*): Olha, Bemvinda, o doutor está aqui dizendo que vocês não devem nunca beber pelo mesmo copo de que Elisa se tiver servido, nem comer pelo mesmo prato.

BEMV (*admirada*): Por que?

DR. (*para D. Clementina, em ar de censura*): Minha senhora...

D. CLEM: Ordens de médico não se discutem. Sê discreta, mas não te esqueças destas recomendações. Assim como não devem beijá-la, principalmente na boca. Não é verdade, doutor, que o beijo é um perigo?

DR.: Às vezes...

JOAQ: Sim... dos quinze aos trinta anos... digamos mesmo, aos quarenta...

BEMV (*para o doutor, com interesse*): Que doença tem a Elisinha?

DR.: Talvez nenhuma. Se mandassem chamá-la?

D. CLEM: Vai chamá-la, Bemvinda e deixa-a aqui só com o doutor. Eu, vou lá para dentro. Muito sofre uma dona de casa. É só o que lhe digo...

DR.: E não me diz novidade nenhuma. É o eterno queixume!

D. CLEM: Aceita um cafezinho?

DR.: Não, obrigado.

D. CLEM: Licor? Uma limonada? (*ele diz que não com a cabeça*) Nem limonada?

DR.: Nem licor. (*Elisa entra, D. Clementina sai*).

JOAQ (*indo buscar o chapéu e a bengala*): A minha companhia é agora demais; cá os deixo à vontade. Logo à noite procurá-lo-ei em sua casa, doutor. Até logo, sim?

DR.: Até logo (*Joaquim sai, Elisa e o médico ficam um instante em silêncio, um em face do outro*).

Cena 5º

ELISA, DOUTOR E DEPOIS D. CLEMENTINA

ELISA: Disseram-me que o Senhor queria falar-me...

DR.: Sim, minha senhora. Sente-se aqui ao pé de mim... temos que conversar...

ELISA: Deveras! Parece-me isso tão extraordinário, como se me dissessem... o que? Que a lua tinha descido à terra e andava aí rolando pelo jardim... (*tosse*).

DR.: Supõe que a sua palestra não me interessa?

ELISA: Não há mesmo razão para supor o contrário.

DR.: Que modéstia!

ELISA: Não é modéstia, é convicção. (*tosse*)

DR.: Essa tossinha...

ELISA: Aqui eu mal tenho tido ocasião de trocar ideia com alguém... a não ser com o senhor, isso é verdade, no tempo de meu marido...

DR.: Nunca vi uma enfermeira tão abnegada... mas desses dias não lhe devem ter ficado saudades...

ELISA: Por que?

DR.: Noites mal dormidas... impertinências aturadas... vigilância de todos os minutos... um inferno!

ELISA: Como se engana! Um paraíso, em comparação da saudade que ficou. Depois, ao menos, naquele tempo de sacrifícios e de sustos, eu me sentia amada por alguém... oh, não me obrigue a falar, doutor, não me obrigue a dizer coisas que eu não quero dizer... realmente... conversar comigo... para que? Eu já perdi o hábito da conversação, se é que o tive alguma vez...

DR.: Bem, mas eu não lhe peço que me conte os seus segredos, mas que me fale da sua saúde...

ELISA: Uma e outra coisa estão tão ligadas... (tosse).

DR.: Tenho-a ouvido tossir...

ELISA: É nervoso...

DR.: Deve ser. Mas, diga-me: não sente mais nada?

ELISA: Sim.

DR.: O que?

ELISA: Uma tristeza imensa! Às vezes parece que me sufocam, que todo o meu sangue está desfeito em lágrimas, aqui, na garganta... depois, passa, como tudo que é cisma, e eu fico boa... mas irritada... impaciente... não sei como!

DR.: E... febre?

ELISA: Talvez... ao cair da noite... uns arrepios... a sensação de mudar de pele, como as cobras...(ri)

DR.: Continua a habitar o mesmo quarto em que morreu seu marido?

ELISA: O mesmo.

DR.: Diga-me: em solteira...

ELISA (*mudando para um tom leve e alegre*): Em solteira eu era forte e alegre; estudava meu curso na Escola Normal e as fadigas de espírito, que atormentavam as minhas colegas, pareciam-me leves a mim. Quer que lhe diga? Eu estava até muito convencida de ser inteligente e de pela minha inteligência chegar um dia a ser alguém! Estudava, estudava, estudava, com o sentido nos meus exames, e os meus exames animavam-me a prosseguir na carreira com verdadeiro entusiasmo. Imagine: no fim estava a minha independência, o meu futuro assegurado... uma escola risonha, muito asseada, muito disciplinada, cheia de crianças inocentes a quem ia servir de mãe espiritual... Oh! Eu tinha uma verdadeira vocação para mestra! (*suspira, muda de tom*). Faltava pouco tempo para completar o meu curso quando me casei... Meu marido opôs-se a que eu continuasse a estudar... (*baixo*) Foi um desastre... (*outra vez alegre*). Fale-me do meu tempo de solteira, doutor, se me quiser ver rir! (*ri-se, tosse*).

DR.: Mas por que não completa esse curso agora que está livre? Seria pelo menos uma distração...

ELISA (*pensativa e grave*): Seria um crime: (*pausa*) A minha saúde não em permitirá nunca mais conviver com crianças... ah, eu não me iludo, nunca mais... (*fica com o olhar perdido no vácuo, com expressão dolorida. O Doutor disfarça a sua comoção*).

DR.: Permite-me que a ausculte?

ELISA: Para que? Não acha justo que eu tivesse herdado alguma coisa do meu marido?

DR.: Não a supunha tão irônica...

ELISA: Pois é um dos característicos da moléstia, doutor...

DR.: Característicos!... Característicos!... não seja criança e deixe-me examiná-la (ouve-se uma voz dentro).

RITA (*dentro*): Elisa!

ELISA: Bem vê que não tenho tempo. Estão me chamando...

DR.: Todos a querem. Se não for por si, ao menos pelos outros, deve ter cuidado com a sua saúde...

ELISA (*com ironia e amargura*): Os outros!

DR.: Sim, os outros, que a estimam e a não dispensam. Mas tenha paciência, conduza-me para qualquer outro lugar onde eu a possa consultar à vontade.

ELISA: Sabe bem o caminho do meu quarto – aquele corredor muito comprido, por onde a todas as horas me parece acompanhar o corpo de meu marido... (*faz um gesto de arrepio*). Vai ouvir no meu peito os mesmos segredos que ouviu no peito dele... não lhe gabo a curiosidade! Ao menos prometa-me não ficar triste! (*ri-se*) Promete?

DR.: Que imaginação! (*saem ambos conversando pela esquerda. Um instante de silêncio, a cena fica vazia por alguns segundos, depois ouvem-se risadas dentro, à direita, de Rita e Bemvinda. D. Clementina entra, desce à mesa de trabalho, remexe os papéis e costuras, até achar os óculos, que põe no nariz e torna a sair.*).

Cena 6º

RITA, BEMVINDA, DEPOIS D. CLEMENTINA

RITA (*dentro*): Não!

BEMV (*dentro*): Então fico zangada!

RITA (*entra correndo*): Podes ficar.

BEMV: Ou tu me deixas ler essa carta, ou eu vou para casa de meu pai!

RITA: Podes ir!

BEMV: Má! (*lutando por tirar-lhe a carta*).

RITA: É segredo.

BEMV: Ora essa! Por isso mesmo é que eu quero ler!

RITA: Uma carta de amor só pode ser lida por quem a recebe. Fica sabendo!

BEMV (*com ar de desprezo*): Fraco amor, o que não tem necessidade de uma confidência!

RITA: O meu é forte como o Destino!

BEMV: Isso vem aí no papel!

RITA: Como é que sabes?

BEMV: Sabendo... e agora acabou-se. Já perdi a curiosidade (*senta-se amuada*). Que bem me importam os teus amores!

RITA: Pois agora sou eu que quero saber. Como foi que adivinhaste?

BEMV: Adivinhando.

RITA: É impossível!

BEMV: Para mim, essa palavra não existe.

RITA: Ah não? Então casa-te com o Maurício...

BEMV: Da melhor vontade. Só há uma dificuldade: é que ele ainda não se declarou! Não sei o que está esperando... pois não é por falta de eu lhe proporcionar as ocasiões... apesar de tudo, tenho tanto medo!

RITA: Medo?!

BEMV: E um desejo doido!...

RITA: Na verdade, neste mundo não há nada melhor que uma declaração de amor!

BEMV: Ias contar hoje a do Luiz, quando titia chegou... conta agora, que estamos sós! O Luiz é um rapaz de tanto talento... deve ter dito palavras lindas!

RITA (*com enlevo*): Disse!

BEMV: Eu imagino! Ele é poeta!

RITA: Um grande poeta!

BEMV: Falou em verso? Como foi?

RITA: Eu te conto, (*olha em roda para verificar se estão bem sós, põe-se em atitude apaixonada e depois de se fazer um pouco esperar*) - “Eu gosto muito da senhora!” (*com mais veemência*) “Eu gosto muito... muito da senhora!” (*fica-se em êxtase*).

BEMV: Só?

RITA (*ainda em êxtase*): Só...

BEMV: E tu... que lhe respondeste?

RITA: Nada...

BEMV: Que eloquência!

RITA: Que perturbação!

BEMV: Então, o negócio é mais fácil do que eu supunha. E a cara dele?

RITA: Não sei... tremi... corei... fechei os olhos... (*arremeda o gesto, pausa*) e, quando os abri...

BEMV (*que tem tirado sorratamente a carta do peito de Rita*): Já a Bemvinda estava com a carta na mão! (*foge rindo, Rita persegue-a*).

RITA: A minha carta... eu quero... a minha carta!

BEMV (*sempre defendendo a carta*): Podes querer!

RITA: Má!... (*persegue Bemvinda, entra D. Clementina*): Foi uma traição! Má!...

D. CLEM (*com uma costura que vem pôr sobre a mesa*): Que é isso, meninas?

RITA (*parando*): É brincadeira, mamãe.

BEMV: Não é tão brincadeira, titia, quer que lhe conte? (*Rita faz um gesto súplice, riem-se*).

D. CLEM: Dispensó... pois só o que lhes digo é que vai chover e não vem cá ninguém. Mal empregado jantar. E o doutor?

RITA: Que doutor?

BEMV (*repentinamente triste*): É verdade!

D. CLEM: O Dr. Seabra que veio examinar a Elisa.

RITA: Eu não sabia. Mas ele aí vem, olhe.

Cena 7º

OS MESMO, DOUTOR, DEPOIS ELISA.

D. CLEM: Bom, vamos a ver o que ele me diz...

DR. (*cumprimentando Bemvinda e Rita*): Sempre unidas e...

RITA (*interrompendo-o vivamente*): E?...?

BEMV(*no mesmo tom*): E...?

DR.: E formosas, pois que havia de ser?

RITA: Obrigada... (*faz uma cortesia graciosa*)

BEMV: Obrigada... (*imita o gesto da prima e afastam-se ambas, rindo, para a janela, onde ficam cochichando*).

D. CLEM: Felizmente, estas vendem saúde... (*Doutor aproxima-se com ar grave e discreto de D. Clementina e fala mais baixo*).

DR.: Pois, minha senhora... (*interrompe-se como a procurar os termos*).

D. CLEM (*um pouco impaciente*): Fale doutor, eu estou morta por saber a sua opinião. Como a achou?

DR.: Pior do que eu esperava, infelizmente. O caso é delicado. Um dos pulmões está já quase perdido e o outro muito ameaçado... receitei... animei-a, mas sabe perfeitamente que estas doenças não se curam por intermédio da botica...

D. CLEM: E agora?... Que aborrecimento!...

DR.: Agora é necessário fazê-la passar uns meses no Campos do Jordão ou em qualquer outro lugar de bons ares, e obrigá-la a seguir um regime de cura, muito severo...

D. CLEM: Não sei como há de ser... E a convivência com as outras?

DR.: Toda a prudência é pouca...

D. CLEM: Tenho muito medo!

DR.: E com razão. Precisamos arranjar agora uma enfermeira dedicada e experiente, que a acompanhe, caso... (*entra Elisa e ele disfarça*). Pois não é nada... um pouco de cuidado e eu lhe mandarei da botica um xaropinho... amanhã ou depois virei saber notícias e hoje à noite, lá em casa, combinarei qualquer coisa com seu irmão... (*ronca a trovoadas*). Temos mudança de tempo... e ainda preciso fazer uma meia dúzia de visitas... para certos doentes isso é uma coisa terrível... (*voltando-se para Elisa, que procura um livro na estante*). Senhora D. Elisa, não se esqueça das minhas recomendações: boa alimentação... largas estadias no jardim... passeios matinais e, sobretudo, muito sossego de espírito... (*Elisa faz com a cabeça que sim*). Senhora D. Clementina, minha senhora, sempre às suas ordens!

D. CLEM (*para Bemvinda e Rita*): Meninas! O doutor já se vai embora. Eu não sei o que elas tanto têm que se dizer o dia inteiro!

DR. (*rindo*): Não é muito difícil de adivinhar...

BEMV: Falávamos de modas.

ELISA: É a mentira, mamãe. Falávamos a respeito dos nossos estudos. A Elisa tem-nos passado umas lições tão grandes! Tão grandes!

DR.: Ah, a D. Elisa...

D. CLEM (*atalhando*): Entretêm-se às vezes lecionando história e aritmética à Ritinha.

RITA: Às vezes, não, mamãe. Todos os dias! E é uma senhora professora!

DR.: Convém agora interromper essas lições, até que ela fique mais fortiezinha... decreto férias!

RITA: Ouviste, Elisa?

ELISA: Ouvi.

RITA: Bravo, doutor! Em sinal de agradecimento, vamos acompanhá-lo até ao portão do jardim! *(olhando à roda)* Quem se quer incorporar ao presito?

DR.: Não, senhoras, não consinto. O tempo não está para manifestações dessa ordem!

BEMV: Ainda não chove. A trovoadá é seca, mas ainda que chovesse a cântaros, iríamos acompanhá-lo com entusiasmo e gratidão! *(Saem rindo, ouvem-se as vozes no jardim irem diminuindo gradualmente de tom. Elisa tem-se sentado a ler e D. Clementina a coser).*

RITA *(fora)*: Viva o Dr. Seabra!... *(risos)*.

Cena 8º

D. CLEMENTINA, ELISA; DEPOIS RITA E BEMVINDA.

D. CLEM *(depois de um largo silêncio)*: O doutor não lhe proibiu essas leituras?

ELISA: Não...

D. CLEM *(vagarosamente)*: Pois admira... porque isso de ler muito só pode servir para prejudicar a saúde e atrapalhar as ideias.

ELISA: Passam-se semanas que eu nem pego num livro!

D. CLEM *(rindo-se)*: Semanas! Não se passa um dia que eu não a veja ler!... falo para seu bem. Por mim pouco me importa que leia ou que deixe de ler...

ELISA: Obrigada... *(um intervalo de silêncio)*.

D. CLEM: Sabe quantos ovos vieram hoje do galinheiro?...

ELISA: Não...

D. CLEM *(com estranheza)*: Ora essa!

ELISA: Não os contei... não tive tempo.

D. CLEM: Foi pena... *(depois, resmungando)*. Só eu tenho tempo para tudo... *(continua a coser e Elisa a ler, pausa)*. O médico não a aconselhou a tomar ovos?

ELISA: Sim, parece que falou nisso...

D. CLEM: Parece!... parece! Se nem disso você tomar conta, estamos bem aviados! *(pausa)* E vinho?... quantas caixas temos ainda de vinho do Porto?

ELISA: Duas...

D. CLEM *(com espanto)*: Só?! Parece impossível, senhores, nunca vejo ninguém aqui beber vinho do Porto e ele some-se... como por encanto! *(Elisa faz um ligeiro gesto de contrariedade; pausa. D. Clementina procura a tesoura, corta a linha e depois continua)* tem recebido notícias de sua tia?

ELISA: Não... *(deixa cair o livro sobre os joelhos e fica meditativa)*.

D. CLEM: No entanto, ela dizia-se tão sua amiga, hein? Vão lá entender essas coisas... *(Elisa sorri com ironia; pausa)* Sabe onde achei hoje a chave da despensa?

ELISA: Não...

D. CLEM: Em cima da mesa da cozinha, à disposição dos criados...

ELISA: Naturalmente, esqueci-me quando fui tirar o açúcar para o café...

D. CLEM: Esses esquecimentos são muito prejudiciais...

ELISA: É que eu estava pensando em vir acabar a blusa da Ritinha...

D. CLEM (*repreensiva*): Quando se faz um serviço, é bom não se pensar em outro.

ELISA (*nervosa*): Mas isso acontece a qualquer...

D. CLEM (*azedando-se*): Qual acontece! Olhe, eu seria muito vagarosa, mas o que lhe afirmo é que a mim nunca me sucediam desses desastres.

ELISA (*com ironia*): Nem todos podem ser perfeitos.

D. CLEM (*cada vez mais impaciente*): É por isso que agora nada chega. Só arrobas de açúcar vieram quatro esse mês! Quatro! É espantoso!

ELISA: Também é bom lembrar que se fizeram taxadas de doce para um semestre!

D. CLEM: Havemos de ver isso... um semestre! (*pausa*) Desde que não sou eu quem toma conta da casa, os gêneros voam!

ELISA (*impaciente*): Pois eu não os atiro pela janela fora!

D. CLEM (*irritada*): Também, era o que faltava!

ELISA: Talvez faltasse ainda alguma coisa!

D. CLEM (*levantando-se colérica e olhando espantosa para Elisa, que também se levanta*): Que mais pode faltar, faça o favor de me dizer?

ELISA (*desesperada*): Isto! (*arranca da cintura o molho de chaves e arremessa-o para cima da mesa. Entram Rita e Bemvinda, que observam tudo do fundo, com espanto*).

D. CLEM (*imperativamente, com desespero*): Basta de loucuras!

ELISA (*desafogando-se*): Não! Basta de humilhações. Não posso mais! Fique sabendo que a mulher de seu filho entrou nesta casa como pessoa da família e não para criada de servir. Desde o princípio eu percebi tudo, tudo!

D. CLEM: Mas é o que eu digo. Ela está doida!

ELISA: Não! Não estou doida, deixe-me falar! A verdade é esta. Seu filho era rico, e a senhora pensava que eu me tivesse fascinado pelo dinheiro, sem perceber que se algum de nós sacrificava alguma coisa ao outro era eu, eu, que por imposição dele interrompi os meus estudos, cortei o meu futuro, todas as minhas ambições! No entanto, a senhora lamentava que ele se tivesse casado com uma rapariga pobre e desconhecida...

D. CLEM: Mas isso é uma calúnia! Eu não disse nada a ninguém!

ELISA: Se não o disse, pensou-o; e de um modo tão claro que tudo percebi! Mais tarde então, quando viram que o meu pobre marido estava tísico, tudo mudou; começaram a tratar-me com doçura, quase amorosamente, para animar-me a ser eu sozinha a enfermeira do tuberculoso! Mas, desde o momento em que ele fechou os olhos para sempre, deixei de ser uma utilidade, para voltar ao meu papel de outra, uma criatura estranha à família e por isso mesmo pesada e importuna... pouco a pouco, porém, foram achando jeito de aplicar-me em diversos serviços, com que eu pagasse o pão que comia. Ah, eu não estou inventando! Percebi tudo, e calei-me. Passei assim a ser uma espécie de governante do lar em que de fato tinha fortuna, que eu não herdei, para herdar só a sua moléstia e o seu nome, que já agora entrarão comigo para o registro do hospital e para a vala comum de cemitério!

D. CLEM (*fora de si*): Mas ela não sabe o que diz.

ELISA: Sei! Olhe, por aquela porta, por onde entrei com meu marido num dia azul, sairei sozinha num dia de tempestade. Vim para a felicidade que não encontrei, vou para o imprevisto, que talvez me socorra! Não me olhem assim aterradas. Fiquem nos seus lugares. Eu volto para o meu, com a minha herança! *(Sai com um ataque de tosse pelo fundo, batendo com a porta. Há um instante de perplexidade).*

RITA *(correndo para D. Clementina, d e mãos postas)*: Mamãe... Mamãe!

(Ouve-se roncar a trovoadas; ficam todas suspensas, com o ouvido à escuta).

BEMV *(corre à janela, depois de ter ido até D. Clementina, como à espera de uma ordem)*: Elisa!... Elisa!...

D. CLEM *(deixando-se cair numa cadeira, com o rosto alterado, e o olhar fixo no retrato do filho)*: Meu filho... meu filho... eu não tive culpa...

BEMV *(à janela)*: Elisa!... Elisa!...

(Cai o pano)

ESTA PEÇA É PARA FINS DIDÁTICOS